

COMUNICAR COMO UM AMIGO: O CONCEITO DE AMIZADE EM MICHEL FOUCAULT

COMMUNICATING LIKE A FRIEND: THE CONCEPT OF FRIENDSHIP IN MICHEL FOUCAULT

COMUNICARSE COMO UN AMIGO: EL CONCEPTO DE AMISTAD EN MICHEL FOUCAULT

Gabriel Sausen Feil ¹
gabrielfeil@unipampa.edu.br

RESUMO

Este texto propõe um encontro entre a comunicação e o pensamento de Foucault; encontro que acontece ou pode acontecer no conceito de amigo/amizade. O entendimento sobre esse conceito tem o potencial de evidenciar uma alternativa-resistência em relação ao problema da governamentalidade; além disso, uma vez diante do conceito, é possível vislumbrar um modo interessante de praticar a relação comunicacional. Isto é, nem toda comunicação funciona ao modo da relação de amizade, mas, quando sim, torna-se interessante na perspectiva da criação de novas formas de subjetivação. O artigo conclui que comunicar como um amigo pressupõe, por um lado, a relação com o outro, mas, por outro, pressupõe o distanciamento em relação a esse mesmo outro e a impossibilidade de fazer com que os participantes/amigos coincidam em um mesmo plano comunicacional.

Palavras-chave: Comunicação. Amizade. Michel Foucault.

¹ Professor Titular da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

ABSTRACT

This text proposes an encounter between communication and the thought of Michel Foucault; an encounter that occurs, or can occur, within the concept of friend/friendship. Understanding this concept has the potential to highlight an alternative-resistance to the problem of governmentality; furthermore, once confronted with the concept, it is possible to glimpse an interesting way of practicing communication. That is, not all communication functions in the manner of a friendship, but when it does, it becomes interesting from the perspective of creating new forms of subjectivation. The article concludes that communicating as a friend presupposes, on the one hand, a relationship with the other, but, on the other hand, presupposes distance from that same other and the impossibility of making the participants/friends coincide on the same communicational plane.

Key words: Communication. Friendship. Michel Foucault.

RESUMEN

Este texto propone un encuentro entre la comunicación y el pensamiento de Michel Foucault; un encuentro que se produce, o puede producirse, dentro del concepto de amigo/amistad. Comprender este concepto tiene el potencial de resaltar una alternativa-resistencia al problema de la gubernamentalidad; además, una vez confrontado con el concepto, es posible vislumbrar una forma interesante de practicar la comunicación. Es decir, no toda comunicación funciona como una amistad, pero cuando lo hace, se vuelve interesante desde la perspectiva de la creación de nuevas formas de subjetivación. El artículo concluye que comunicarse como amigo presupone, por un lado, una relación con el otro, pero, por otro lado, presupone distancia respecto de ese mismo otro y la imposibilidad de que los participantes/amigos coincidan en el mismo plano comunicacional.

Palabras clave: Comunicación. Amistad. Michel Foucault.

1 INTRODUÇÃO — A PROPOSIÇÃO E O CONCEITO

Este texto propõe um encontro entre a comunicação e o pensamento de Michel Foucault (1999; 2003; 2014; 2026); encontro que acontece ou pode acontecer no conceito de amigo/amizade (2026). O conceito em questão tem o potencial de contribuir com o debate envolvendo o objeto da Comunicação, debate relevante no âmbito teórico da área, sobretudo, na ampliação das possibilidades de olhares sobre o funcionamento da relação comunicacional. Além disso, o entendimento sobre a amizade tem o potencial de evidenciar uma alternativa-resistência em relação ao problema da governamentalidade (1999; 2014).

Não se trata aqui de entender a comunicação como sinônimo de amizade, mas se trata de, uma vez diante do conceito de amigo, vislumbrar um modo interessante de praticar a relação comunicacional. Isto é, nem toda comunicação funciona ao modo da relação de amizade, mas, quando sim, torna-se interessante na perspectiva da criação de novas formas de subjetivação (Foucault, 2003).

Para isso, é necessário não se prender ao sentido dicionarizado e/ou contemporâneo de amizade, em que a relação implica em cumplicidade, identidade e estabelecimento de laços. A amizade foucaultiana não é uma relação institucionalizada, que contaria com uma espécie de estatuto pré-determinado; pelo contrário, acontece no vazio; nas palavras do próprio Foucault (2026, p. 5): “o programa deve ser vazio”. A amizade desloca os limites e se constitui no interstício — como algo ainda não vivido —, tornando-se a relação do desconforme (Falkembach; Assmann, 2004) e se diferenciando de uma pretensa relação comunicativa transparente, desejada pelas posições que mantêm expectativas de uma possível conversação universal. Amigos, no sentido em questão neste artigo, são aqueles que se relacionam e se aproximam não para solidarizar, “emprestar o ombro” e acomodar, mas para instigar, “cutucar” e oferecer um olhar/afeto distinto e inusitado; inusitado, precisamente, por vir de uma conversação entre diferentes — diferentes tanto antes do encontro quanto durante e depois. Objetivamente, portanto, o amigo é quem gera o incômodo de pensamento/percepção e não quem concorda por conveniência ou responde em sincronia com o que se quer ouvir.

Mesmo se constituindo entre diferentes, a amizade ainda assim é uma relação que pressupõe o outro — não há como ser amigo sozinho —, de maneira que a comunicação se faz necessariamente presente. A questão é que a comunicação aqui recebe um funcionamento específico: uma comunicação que, em vez de buscar levar os envolvidos para um mesmo plano, pressupõe que os amigos estão em planos necessariamente diferentes.

Por se dar entre diferentes, a amizade é a relação da provocação permanente (Falkembach; Assmann, 2004), a qual “visa intensificar a experimentação” (Ortega, p. 247, 2000a), sendo por isso uma relação de rivalidade, muito antes de ser uma relação de cumplicidade. Os amigos são rivais porque provocam-se, porque se instigam e se põem a criar; a criar uma nova relação, uma nova forma de vida. É assim que Foucault (2026, p. 2) concebe a amizade: uma relação que sempre está para ser inventada, “de A a Z”.

A amizade, portanto, não é o estabelecimento de relações estáveis, tais como aquelas reconhecíveis, mas implica um jogo agonístico, este entendido tal como expressa Ortega (2000a, p. 288) em texto, justamente, sobre a amizade em Foucault: “Relações agonísticas são relações livres que apontam para o desafio e para a incitação recíproca e não para a submissão ao outro”. Ou seja, um jogo marcado pela rivalidade, o qual não permite um relacionamento conservador e nem que “as relações de poder se transformem em estados de dominação” (p. 288). Em uma relação de amizade, nada se instaura em definitivo, de modo que, quando há a instauração, a relação assume outra forma, de modo que a amizade desfaz-se — no sentido de diluir-se.

Aqui é preciso uma ressalva: não confundir o ser rival, pressuposto da amizade foucaultiana, com o ser crítico, como se houvesse um ponto ideal a se chegar. Sócrates, ao fazer da filosofia uma discussão, como mostram Deleuze e Guattari (1992, p. 42), “fez do amigo o amigo exclusivo do conceito, e do conceito o impiedoso monólogo que elimina, um após o outro, todos os rivais”. Em outros termos, a rivalidade encontrada na amizade não tem como objetivo mostrar quem está com a posse da verdade, mas, ao contrário, impedir que alguém possa se julgar dono dela. Em vez de lidar com a verdade, os amigos lidam com o jogo das versões, de modo que, vez ou outra, uma versão impõe-se, mas não sem, em momento seguinte, agonizar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Relações fraternais x agonísticas

É possível, então, falar em uma distinção entre as relações fraternais e as agonísticas. Fazem parte das primeiras as relações socialmente legitimadas, facilmente reconhecidas: relação de amizade fraterna, relação conjugal, relação parental, relação profissional, relação hierárquica, relação dinástica etc. São relações que buscam a conservação dos papéis: um amigo fraterno, por exemplo, serve para apoiar, entreter, consolar outro amigo, isto é, a ideia é não sucumbir. Faz parte da segunda a relação de amizade como aqui está sendo concebida, uma vez que joga um jogo cujas regras estão sempre no passado, já que o jogo não se deixa codificar, não se deixa reconhecer e pressupõe “inventar novas formas de existência não institucionalizáveis” (Ortega, 2000a, p. 249). A amizade, portanto, não se submete a uma subjetivação do tipo buraco negro, justamente porque se reinventa a cada nova situação. “Buraco negro” é uma expressão de Deleuze e Guattari (1995a) que se refere ao estrato da subjetivação, em que cada sujeito responde pelo seu “buraco”. Para os autores, a subjetivação desse tipo é problemática porque exige que uma mulher responda sempre no papel de mulher, um gay no papel de gay, uma criança no papel de criança etc.; quer dizer, aprisiona os papéis e os submete aos seus pesos conotados historicamente.

Não se trata aqui, evidentemente, de ir contra à amizade fraterna. Certamente, esse tipo de relação pode ser interessante sob certas perspectivas (por vezes, o indivíduo necessita, de fato, de um apoio, de uma ajuda, de um “ombro amigo”, de uma confirmação, de um ato de solidariedade). A questão é que, ao considerar o pensamento foucaultiano, as relações mais potentes são as que não se submetem a uma institucionalização. As relações fraternais são herdeiras do movimento cristão; e, ainda que Foucault (2003) não seja exatamente contrário ao cristianismo, entende que a moral desse movimento seja mais voltada ao código do que à ética, ou seja, à manutenção de uma ordem do que à arte de si, que é o que realmente o agrada existencialmente. Nietzsche (1992, p. 48), referência fundamental para o pensamento de Foucault, questiona, na mesma direção em que questiona o cristianismo, qualquer movimento/gosto “sem solidão própria”, sem o cultivo individual da diferença. O pensamento nietzschiano/foucaultiano

entende que uma relação interessante seja, nas palavras de Lawrence citado por Deleuze e Guattari (1995b, p. 59), “aquela na qual cada um aceita que existam no outro grandes espaços desconhecidos”. Quando há a admissão do espaço desconhecido, a criação/invenção deixa de ser uma opção e passa a ser constitutiva da relação.

Também no âmbito comunicacional, a amizade a que se refere este artigo se diferencia da noção fraternal

de que a amizade representa uma relação voluntária baseada na transparência da comunicação e na verdadeira informação. Desigualdade, hierarquia e ruptura são componentes importantes da amizade [...]. Ela encontra-se além do direito, das leis, da família e das instâncias sociais, representando uma alternativa às formas de relacionamentos prescritos e institucionalizados (Ortega, 2000a, p. 248-249).

Isso quer dizer que, ainda que a amizade envolva a comunicação, não é qualquer comunicação que funciona ao modo desta amizade. A amizade aqui em questão não objetiva a comunicação efetiva, no sentido de não considerar o entendimento pleno como uma possibilidade. Por mais transparente, honesta e equilibrada que seja a comunicação entre os amigos, ela jamais será completa. Usando o raciocínio recém descrito de Ortega (2000a, p. 248-249), a amizade é uma relação alternativa às formas institucionalizadas justamente por não pressupor o entendimento entre as partes.

Uma comunidade de amigos não depende de consensos e objetivos comuns em suas relações comunicacionais; o consenso não é possível na perspectiva da amizade, visto que os amigos nunca estão em um mesmo plano (Deleuze; Guattari, 1992, p. 41). É, portanto, uma ideia inadequada para este conceito de amizade aquela que diz que, entre amigos, não há relações de poder por se tratar de dois (ou três ou quatro etc.) iguais. Na amizade, não existe igualdade, existe “reciprocidade, porém dissimetria essencial”, como Foucault (2003, p. 148) descreve a *koinônia* (comunidade) ideal. Não apenas na amizade, mas na própria natureza, na perspectiva em questão, não há o igual. Deleuze e Guattari (1992, p. 92-93), autores que se avizinham em diversos aspectos ao pensamento foucaultiano, afirmam que “não são dois amigos que se exercem em pensar, é o pensamento que exige que o pensador seja um amigo”, isto é, um eterno desconhecido. A moral cristã tem procurado dissecar a amizade, relacionando-a às suas próprias

características, tais como a igualdade e a fraternidade, para talvez assim torná-la em uma relação útil. Há certo êxito, afinal, a amizade se transformou em um cuidado ao próximo, em um vigiar e ser vigiado, em um acomodar e ser acomodado, em uma forma de sofrer em dupla (ou em trio etc.). Acabou por se transformar em uma relação por identificação, por proximidade, por fácil-comunicação: tudo já está tão codificado que algumas palavras bastam para se encerrar as ações. Mas quando o que se tem é um eterno desconhecido, aprende-se “a cultivar uma ‘boa distância’ nas relações afetivas” (Ortega, 2000a, p. 260), interessante para afirmar o outro em sua diferença. Por vezes, a amizade é, inclusive, silenciosa, pois assim se evita que o pensamento seja “dado de bandeja”.

Aqui o testemunho de Bianco (2002, p. 192) às aulas magistrais de Deleuze:

Os interventores, as perguntas e as respostas imediatas não dão vida ao pensamento e à criação, mas geram, em vez disso, o debate, a discussão e, enfim, o consenso, a *doxa* e a opinião [...] As únicas questões que têm sentido – sustenta Deleuze – são aquelas colocadas com uma certa margem de distância (por exemplo, de uma semana para a outra, de uma aula para outra). Essas questões, na grande parte dos casos, não são mais devedoras ao pensamento do mestre, ao plano de imanência que ele traçou, aos problemas que ele colocou, mas nascem, em vez disso, das incompreensões, constituem novos planos habitados por novos conceitos nascidos de um encontro criativo.

Essa é uma relação de amizade com o mestre e não uma relação entre sábio e aprendiz. O mestre não deixa de se relacionar com o aluno, porém, em vez de se focar no entendimento e/ou na compreensão, cria uma solidão, possibilitando a digestão do pensamento e a consequente invenção. É que quando não há a entrega de respostas prontas, a tendência é que o envolvido crie soluções provisórias, pois, uma vez sozinho, precisa criar modos de preencher o vazio. Mas “introduzir uma distância em nossas relações não significa renunciar a nos relacionarmos, a nos comunicarmos [...]. Trata-se, antes, de levar a sério a incomensurabilidade existente entre o eu e o outro” (Ortega, 2000a, p. 260). Nessa distância, os amigos assumem posições enviesadas que permitem o aparecimento de virtualidades (Foucault, 2026), distinções. No caso da amizade com o mestre, este não é alguém a ser seguido, não é um ponto no horizonte, também não é uma referência, pelo contrário, é aquele que faz o outro perder-se. Em relação ao “mestre” Zaratustra, Larrosa (2002, p. 74) afirma: ele “puxa e eleva, até que cada um se volte até

si e vá além de si mesmo, até que cada um chegue a ser o que é”. O mestre sabe que não deve desejar que o seu aluno seja como ele, que seja igual a ele. Querer que o outro dê conta dos conhecimentos do mestre é atentar contra a singularidade. O mestre (“o homem do conhecimento”), diz Nietzsche (2010, p. 19), precisa “poder odiar seus amigos” e saber da impossibilidade de qualquer forma de conciliação. Continua: “A gente retribui mal a um professor, quando permanece sendo sempre apenas seu aluno” (p. 19), pois os papéis são engessados e a provocação é substituída pela hierarquia formal-moral; o aluno, quando amigo, torna-se um rival do mestre, antes de tudo, porque é um diferente. Mestre e aluno sabem que, para a relação de amizade continuar, precisam, de tempo em tempo, perderem-se; e somente quando tiverem se renegados poderão retornar um ao outro (p. 20). Perder-se, porém, não é uma tarefa difícil — não fossem os esforços das relações fraternais —, visto que mestre e aluno já estão, desde sempre, em planos diferentes, conscientes dessa realidade ou não.

Concretamente, defende-se aqui que a relação entre os amigos envolve distância em vez de identificação. Nesse sentido, a problemática da agonia chama a atenção para o fato de que não há sincronia entre os amigos e, mais do que isso, de que a relação é mais com o vazio — com o interstício — do que propriamente com o outro. Esse outro pode ser sempre imaginado e esboçado, mas nunca recuperado, uma vez que a relação de reorganização já é um trabalho das relações institucionalizadas.

2.2 Amizade como alternativa-resistência

Em uma realidade pautada pelas relações institucionalizadas, os envolvidos tendem a não conseguir fugir-inventar de maneira descompromissada, o que significa que permanecem “presos a um imaginário que determina nossa forma de interagir afetivamente” (Ortega, 2000b, p. 11-12). É aí que a amizade se apresenta como uma alternativa-resistência em relação ao problema da governamentalidade, uma vez que se apresenta como uma técnica de criação de uma estilística da existência. Afirma Foucault (2014, p. 266): “Eu chamo ‘governamentalidade’ o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si”. O problema parece estar no fato de que as sociedades moderna e contemporânea pendem muito mais intensamente para as técnicas de dominação exercidas sobre os outros do que para as técnicas de si; tanto é

que, nos estudos de Foucault (2003) voltados à ética e, portanto, às técnicas de si, o conceito de governamentalidade perde força, justamente, por estar mais ligado às técnicas de objetivação do sujeito, ou seja, às técnicas de dominação. A ética (2003) parece estar um passo além da governamentalidade (1999; 2014), que é constituída mais pelas instituições para disciplinar no ensejo das relações fraternais. Já a ética parece estar mais ligada às formas em que o sujeito cria para não se submeter à disciplina passiva, no ensejo das relações agonísticas, tais como a relação de amizade.

A amizade, ainda que envolva outro(s), dá-se no interstício, fora dos códigos, forçando o indivíduo à solidão e à invenção e, por isso, constituindo-se como uma resistência política², afinal, quer experimentar “novas formas de sociabilidade” (Ortega, 2000b, p. 13), tarefa essa não apenas não exercida pelas relações institucionalizadas, como evitada por elas, que são, como assinala Ortega (2000b) inspirado em Arendt, uma despolitização, porque querem a conservação dos papéis.

A amizade “é um fenômeno político, enquanto que a fraternidade suprime a distância dos homens [...]. A fraternidade é, no fundo, uma forma de comunidade identificatória, na qual, na condição de irmãos, somos todos iguais” (Ortega, 2000b, p. 31). Ortega (p. 31) sugere que todas as relações institucionalizadas que conhecemos sejam antipolíticas, “pois suprime-se a pluralidade, condição da política”. Ser livre, ao contrário, é abandonar a segurança das formas apreendidas — as que conhecemos estão presas. Menção aqui ao orgulho que Nietzsche (2004, p. 17) e seu amigo sentem ao perceberem o quanto são inúteis: “Poderíamos disputar entre nós dois a glória de ser mais inútil. Não queríamos significar nada, representar nada, pretender nada, queríamos ser sem futuro, nada mais do que sermos inúteis estendidos na soleira do presente — e efetivamente éramos assim, viva nós!”. Ser livre, então, também é ser inútil, considerando que o útil, socialmente falando, está sempre submetido aos sentidos anteriormente estabelecidos. Em suma, lugares comuns e papéis fixos fazem de conta que eliminam a diferença; a amizade, pelo contrário, cria novas formas de viver e aceita a inutilidade como possibilidade.

² O artigo está aqui se referindo à concepção de política assumida por Ortega (2000b, p. 23), inspirada em Foucault e Arendt: “A política compreendida como atividade de criação e de experimentação”.

2.3 Individuação por subjetivação: o encontro entre a amizade e a comunicação

Este artigo percebe o encontro entre a amizade e a comunicação na questão da individuação: há a individuação por hecceidade e a individuação por subjetivação. A primeira, apesar de ser a preferida na perspectiva da diferença (perspectiva também chamada de pensamento pós-moderno ou ainda pensamento pós-estruturalista), não é o modo que se dá via amizade. Deleuze (2002) diz que a hecceidade tem no bebê a sua realização máxima; trata-se da individuação de uma vida, diferente da individuação de um sujeito, a qual somente pertence à vida, é uma parte dela. A hecceidade ultrapassa o sujeito, transcende o eu. É uma singularidade pré-individual, é impessoal, não se submetendo às fronteiras entre o eu e o outro.

A individuação da amizade, segundo Ortega (2000a, p. 251), é por subjetivação coletiva, de maneira que o seu projeto de ética “consiste na busca de lugares de produção de subjetividade”. Na individuação por hecceidade, a comunicação desempenha um papel discreto (por vezes, é até dispensada), mas, na produção de subjetividade/subjetivação, a comunicação aparece presente de maneira categórica, já que se dá no campo social. Ainda que a amizade pressuponha a hecceidade (as virtualidades transcendem o sujeito), a sua tarefa é criar novas formas de existência, sendo que estas pressupõem o espaço público, ou seja, as relações intersubjetivas. Em outras palavras, a amizade pressupõe os envolvidos não como sujeitos, mas como individualidades (hecceidades); apesar disso, não deixa de produzir recodificações, isto é, de cair na subjetivação.

Embora implique em recodificações, ao contrário das relações institucionalizadas, a amizade se recodifica em uma nova forma de vida, a qual não tem por interesse a sua própria manutenção — aliás, é exatamente por isso que não cai no buraco negro, apesar de envolver a subjetivação. Mas, para tanto, é preciso abordar “as subjetividades para além da identidade e do espaço binário” (Lins, 2001, p. 7), ou seja, das associações duais (masculino x feminino, bem x mal, bonito x feio, certo x errado etc.), codificações facilitadas pela pré-definição dos papéis e pela simplificação em apenas dois lados; e chegar naquilo que Deleuze (1992, p. 114) diz ser a fase final do tema da subjetivação em Foucault: ao final, ela “consiste essencialmente na invenção de novas possibilidades de vida, como diz Nietzsche, na constituição de verdadeiros estilos de vida”. A subjetivação,

nessa fase especialmente artística de Foucault, é criar a vida em processos “irredutíveis a nossos códigos morais” (p. 142); é desinstitucionalizar a vida em prol da produção de uma estética da existência/estilização da vida (Foucault, 2003).

Em sua tentativa de aproximar os pensamentos de Arendt e Foucault, Ortega (2000b, p. 27-28) diz que é somente através da sociabilidade que o indivíduo pode se distinguir, pois a presença do outro é um pressuposto “indispensável para que as práticas de si atinjam a forma de existência desejada”. Este é o grande paradoxo: se o indivíduo se comunica, subjetiva-se-banaliza-se, mas, por outro lado, se não se comunica também não se diferencia por permanecer flutuando aleatoriamente no caos indiferenciado. Por isso a importância dos modos de subjetivação; porém, de novas e sempre novas subjetivações. É aí que atua a amizade: uma relação dionisíaca ao pressupor os diferentes, mas, ao mesmo tempo, apolínea ao tornar visível e possível mais um modo de vida. Dionisíaco para *experimentar* e apolíneo para *viver*.

Em termos objetivos, a amizade equilibra a comunicação e a criação de novas formas de vida. Opera como uma relação híbrida, combinando a experimentação com a estilização da existência no espaço público.

2.4 Sucumbir é preciso

Um pressuposto da amizade: é preciso sucumbir. Se Nietzsche (2011, p. 18) condena o cristianismo por ser a religião da compaixão não é porque o ato de ajudar seja indigno, mas é porque a compaixão “conserva o que está maduro para o socorro [‘conserva o que está maduro para sucumbir’, em traduções anteriores]” (p. 19), impedindo, com isso, as transformações. Mesmo os valores nobres³, para continuarem sendo assim, precisam sucumbir; ou seja, não é o valor em si que é nobre, é o jogo de construir e destruir que é nobre. A valoração é uma tarefa dos impulsos, não da moral; dito nas palavras de Nietzsche (1992, p. 173): “Também o homem nobre ajuda o infeliz, mas não ou quase não por compaixão, antes por um ímpeto gerado pela abundância de poder”; ajuda porque assim quer e não porque a moral lhe diz que é bom ajudar.

³ Expressões nietzschianas — tais como “nobre” e “escravo”, “forte” e “fraco” — não dizem respeito a posições sócio-econômicas, mas a tipos de espíritos; então, ser senhor não é ser proprietário e mandar em seus bens, mas é ser senhor sobre as suas próprias ações, independentemente de sua função no interior de um sistema sócio-político.

Na amizade, se o amigo ajuda não é porque a moral diz que é o seu dever ajudar, mas porque ele quer ajudar — se não quiser, não ajuda. A tarefa do forte não é jamais procurar, é sempre inventar, valorar e desvalorar incansavelmente. “Conhece-te a ti mesmo”? Ora, “não há um eu real e escondido a descobrir [...] [o eu] não está por descobrir, mas por inventar” (Larrosa, 2002, p. 76). Nas palavras de Nietzsche (2008, p. 222): “Uma vez tendo se encontrado, é preciso saber perder-se de vez em quando — e depois novamente se encontrar: contanto que se seja um pensador”. Eis o que Zarathustra ama no homem: “Ele é um passar e um sucumbir” (1978, p. 227); e amados por Zarathustra são “aqueles que não sabem viver a não ser como os que sucumbem, pois são os que atravessam” (p. 227)⁴. Atravessam o quê? Para que haja o eterno prazer de criar, é preciso também que haja eternamente o jogo agonístico, jamais a instauração.

A amizade excede a moral, flutua sobre ela; e é por isso que os amigos são verdadeiros amorais, porque se relacionam livres da tradição. Ser livre é ser potente o suficiente para criar a si próprio, criar os seus próprios sentidos, os seus próprios valores e as suas próprias verdades: fazer de sua própria vida uma obra de arte, uma estética da existência, uma estilística do espírito descompromissado com os fundamentos delegados até agora.

Mas, em termos pragmáticos, quando se exerce a amizade? Isto é, em qual situação? Precisamente por conta de sua constituição não codificada, a tendência é que não seja percebida/identificada socialmente, mas, simplesmente, experimentada, vivida pelos amigos. Se a classificam, os indivíduos banalizam a amizade: ao dizerem “esta sim é uma verdadeira relação entre amigos”, estão a institucionalizando e, portanto, tornando-a em outra coisa. Nesse sentido, a amizade se dá no âmbito da experimentação, de modo que não pode ser planejada-controlada, seja por quem a experimenta ou por quem a testemunha.

⁴ O artigo opta, nesta situação em específico, por uma tradução antiga da coleção “Os Pensadores” (Nietzsche, 1978), mesmo tendo consciência de traduções mais recentes e mais recomendadas. A escolha se justifica pelo fato da tradução antiga usar as expressões “sucumbir” e “sucumbem”, o que vai ao encontro do objetivo do parágrafo aqui em questão.

3 CONSIDERAÇÕES — COMUNICAR SEM BANALIZAR

Logo de início, este texto se propôs a estabelecer um encontro entre a comunicação e o pensamento de Foucault via conceito de amigo/amizade; junto a isso, indicou que esse conceito pode ser uma chave para a discussão dos processos comunicacionais. Após a revisão do conceito e do ensaio argumentativo, é possível indicar que o conceito de amizade contribui com o debate envolvendo o objeto da Comunicação na medida em que oferece uma maneira distinta de enxergar a relação comunicacional e, sobretudo, o papel dos participantes. Quem se apropria dessa abordagem deixa de pressupor a obrigatoriedade da possibilidade do entendimento, uma vez que, conforme este texto defendeu, os amigos jamais estão no mesmo plano. Esse detalhe coloca em cheque perspectivas que buscam, por exemplo, a ideia de “comunicação total” ou “comunicação efetiva”; ou ainda que buscam superar os ruídos para que, enfim, o processo possa entregar uma mensagem limpa e original.

Na relação de amizade, os indivíduos não são propriamente comunicadores, mas amigos; o que não exclui, de maneira alguma, a comunicação e sim a reinventa: em vez de comunicar, a comunicação mostra a diferença. A amizade implica a relação com o outro (relação pressuposta por qualquer filosofia da comunicação), mas também pressupõe a diferença ontológica que existe entre os amigos e a consequente impossibilidade do estabelecimento de um ideal comunicativo. A amizade é uma relação que não exclui a sociabilidade, porém, não se submete a ela; trata-se de uma relação sem estatuto.

Comunicar como um amigo é, em primeiro lugar, não comunicar. Como? Nietzsche (2008, p. 137) diz que as palavras são como bolsos, as quais ora carregam um sentido, ora outro: “Como se todas as palavras não fossem bolsos em que ora isso, ora aquilo, ora várias coisas de uma vez foram metidas!”. Nesse sentido, por vezes, a comunicação precisa ser entendida como uma atividade necessária — em Foucault (2003), a estética da existência é resultado de um duplo retorno em que o retorno derradeiro é a volta do indivíduo, após a realização do autoexame, para a sociedade e, portanto, para os outros —, mas por outras vezes, como algo a não ser buscado, algo desinteressante — no sentido de que seria a busca pelo consenso em detrimento da

criação/diferença. Esses dois sentidos estão presentes na relação de amizade, uma vez que está pressuposta a relação com o outro, mas também está pressuposto o distanciamento em relação a esse mesmo outro e a impossibilidade de fazer com que os participantes/amigos coincidam em um mesmo plano comunicacional.

Como dizem Deleuze e Guattari (1992, p. 94), “Não são dois amigos, que comunicam e se relembram conjuntamente, mas passam ao contrário por uma amnésia ou uma afasia capazes de fender o pensamento, de dividi-lo em si mesmo”. Isto é, na relação de amizade, os envolvidos não buscam se encontrar — por isso, podem se abster da tagarelice e explorar os gestos e mesmo a afasia —, mas buscam perder-se, deixar de ser o que eram.

Diante do exposto, talvez seja possível expressar os argumentos a partir das seguintes máximas: comunicar como um amigo é comunicar pressupondo a diferença; é comunicar ciente de que não vai; é comunicar ciente de que cada um está em seu plano; é comunicar tendo em vista o abandono; é comunicar sem o fardo obrigatório da tradição/codificação.

REFERÊNCIAS

- BIANCO, Giuseppe. Gilles Deleuze educador: sobre a pedagogia do conceito. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 27, n. 2, p. 179-204, jul.-dez. 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Educação e Realidade**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 27, n. 2, p. 10-18, jul.-dez. 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1995a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1995b.
- FALKEMBACH, Elza Maria; ASSMANN, Selvino. A amizade no MST. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT: PERSPECTIVAS, 2004, Florianópolis, SC. **Anais**. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2004.
- FOUCAULT, Michel. A Governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. Tradução livre de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf>>. Acesso em: abr. 2026.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LINS, Daniel. Prefácio. In: LINS, Daniel. **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas** (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre o futuro de nossas Instituições de Formação: seis conferências públicas**. Tradução livre de Paulo Rudi Schneider, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano demasiado humano**: um livro para espíritos livres volume II. Companhia das Letras, 2008. Disponível em: <<https://aletp.com.br/wp-content/uploads/2017/12/nietzsche-humano-demasiado-humano-II.pdf>>.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Porto Alegre: L&PM, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**: maldição contra o cristianismo. Porto Alegre: L&PM, 2011.

ORTEGA, Francisco. Estilística da amizade. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera (org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000a.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000b.

Original recebido em: 26 de março de 2026

Aceito para publicação em: 31 de julho de 2026

Gabriel Sausen Feil

Professor Titular da Universidade Federal do Pampa, líder do Grupo de Pesquisa t3xto (UNIPAMPA/CNPq) e integrante da Rede de Pesquisa Escrita da Diferença em Filosofia-Educação (UFRGS/CNPq). Atua no curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC). Pesquisa em Comunicação e Educação com os pensamentos de Nietzsche, Barthes, Deleuze e Foucault. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009); mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí (2005); e graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela mesma universidade (2003).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional